

O futuro como recurso, mas aberto à historicidade

Lévy, J. (2022). Hacer habitable el futuro. Silveira, M.L. (Trad.). *Revista Punto Sur*, 6, pp. 192-209.



Fernanda Padovesi Fonseca

Departamento de Geografia, Programa de Pós-graduação em Geografia Humana,
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Brasil.

Jaime Oliva

Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo. Brasil.

Recibido: 21 de abril de 2022. Aceptado: 10 de mayo de 2022.

Em *Hacer habitable el futuro*¹ entramos em contato com o pensamento de um autor que atingiu a maturidade intelectual, e é preciso caracterizar bem isso, entre outras coisas, porque Jacques Lévy é geógrafo e nada mais distante de uma geografia convencional que o texto agora publicado. Que percurso intelectual ele percorreu para chegar a esse ponto é algo que deve ser comentado. É claro que não se trata apenas de um pensamento que se enriqueceu com o tempo. Na verdade, temos a oportunidade de observar em seus últimos trabalhos a consolidação de um projeto intelectual que atingiu um grau de mobilização de repertório e de articulação que impressiona. A trajetória de Jacques Lévy sempre foi marcada pela constante reflexão epistemológica. Ele sempre levou ao extremo a visão do geógrafo brasileiro Milton Santos de que os praticantes das áreas disciplinares devem ser seus próprios filósofos. Assim, desde há muito ele fazia problematizações críticas sobre os “recortes” disciplinares que deveriam evoluir para abordagens dimensionais de modo a não mutilar contextos, o que o levou a uma teoria do espaço como dimensão do social. A partir dessa abordagem suas reflexões e seus trabalhos foram se abrindo para o conjunto das ciências sociais, excedendo o campo convencional da geografia, mas incluindo e valorizando o ponto de vista do espaço nesse conjunto. Pode-se dizer que nessa trajetória Lévy foi longe, sendo ele próprio a encarnação plena do slogan da revista *Espaces Temps*: uma revista indisciplinar das ciências sociais (*revue indisciplinaire de sciences sociales*). Lévy foi um dos fundadores dessa revista em 1975, e, até hoje, é um dos seus principais animadores. Quem acompanhou suas intervenções na revista, nos editoriais, nas pesquisas, nos diversos artigos em parceria e individuais viu sua visão de mundo se construindo e sendo aplicada em diversos temas. A atuação nessa revista é uma das marcas da capacidade de trabalho em equipe, de circulação e de abertura de ideias. Seu colega Christian Grataloup testemunha

¹ Versão traduzida e adaptada do capítulo 9 do: Lévy, J. (2021). *L'humanité: un commencement. Le tournant éthique de la société-Monde*. Paris: Odile Jacob. A impecável tradução de Maria Laura Silveira coloca à disposição o texto de Jacques Lévy ao público em espanhol, mas também, indiretamente, ao público de língua portuguesa.

O futuro como recurso, mas aberto à...
FERNANDA PADOVESI FONSECA, JAIME OLIVA

tudo o que foi ressaltado anteriormente num belo artigo que evoca o momento em que Jacques Lévy foi agraciado com o prêmio Vautrin-Lud (2018).²

A ousadia “indisciplinar” que aparece nesse capítulo (e no conjunto do livro) não é um “momento de liberdade” que pesquisadores maduros se dão o direito de fazer numa altura da sua vida intelectual. Ao contrário, como já dissemos, é uma construção rigorosa e meticulosa ancorada numa visão de mundo bastante abrangente, que busca uma coerência discursiva com esforço programático de uma organização teórica capaz de circular para além das fronteiras/trincheiras disciplinares.

Vale a pena destacar, antes de entrar no mérito teórico das reflexões feitas sobre o futuro, uma das dimensões do “estilo Lévy” que vem se desenhando há mais de 30 anos, e que diz respeito à forma discursiva e os recursos que costumeiramente são mobilizados em seus trabalhos e que volta a aparecer nesse capítulo. Não é uma coisa menor. Consciente de que a comunicação científica é um dos elementos-chaves desta prática, Lévy desenvolve uma escrita precisa e econômica em termos conceituais e não envolta em mistérios, como ainda é comum no meio acadêmico do Brasil, por exemplo. Sua argumentação é fortemente autoral, ensaística, mas sempre ancorada numa apreensão muito informada e atualizada do mundo empírico, assim como trabalhada teoricamente de forma bastante controlada e criativa. Parece comum ao cenário acadêmico europeu, mas em nosso cenário a escrita ensaística ainda é vista como um preenchimento imaginativo daquilo que não se sabe de verdade. Isso se deve à influência de certo cientificismo originário nas ciências da natureza e ao aprisionamento, sem margens de manobra, a posturas teóricas claustrofóbicas.

Outro ponto que não pode deixar de ser ressaltado no estilo do autor é sua incrível capacidade de organizar seu pensamento (e dos outros também) tornando-o visual por meio de esquemas gráficos, mapas inovadores, quadros e tabelas nos quais se pode enxergar as relações, as transversalidades e as influências que operam no conjunto das formas de se pensar. Um exemplo notável nesse texto é o Quadro 1: *O futuro como ponto cego* (Lévy, 2022:195), que é ao mesmo tempo muito esclarecedor e criativo, passando a impressão que algo tão resolvido estava evidente diante de nós, mas, na verdade, não estava. Por fim, algo que não aparece nesse texto, mas consta no final do livro, e que também é merecedor de menção, é o hábito do autor de construir glossários ao final dos seus trabalhos para garantir a compreensão, a precisão e a circulação de conceitos que são elaborados e/ou aplicados em sua argumentação.³

Quanto à visão de mundo que Jacques Lévy vem desenvolvendo a partir de uma abordagem teórica, também em evolução, em *Hacer habitable el futuro* temos uma amostra interessante de seus principais elementos. Vamos destacar e debater alguns que aparecem em sua argumentação. Há certos pontos de vista que ele desenvolve tendo como referência a paisagem intelectual europeia. Isso é frequente ao longo do livro, e aparece nesse capítulo também quando ele diz que “na cena intelectual europeia é

2 Jacques Lévy, *Nobel de la géographie 2018*, disponível em : <https://www.espacestemp.net/articles/jacques-levy-nobel-de-la-geographie-2018>

3 Esse recurso teórico e metodológico veio a ser coroado com a produção do magnífico *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés* (2003) dirigido por ele e por seu colega Michel Lussault. Mas, mesmo após a publicação da segunda edição do dicionário, Jacques Lévy continua a fazer glossários em seus trabalhos, atualizando conceitos e trazendo outros para suas reflexões atuais.

O futuro como recurso, mas aberto à...
FERNANDA PADOVESI FONSECA, JAIME OLIVA

frequente julgar suspeita qualquer análise que conclua que as coisas estão melhorando” (Lévy, 2022:199). Aqui, no caso, vamos tentar aclimatar alguns de seus argumentos à paisagem intelectual brasileira o que, talvez, possa ser estendido à América Latina.

Começamos pelo fundamento principal que sustenta toda sua argumentação: a convicção da historicidade da vida social a partir da construção do próprio humano social. Palavras reiteradas, mas necessárias. Isso considerando, especialmente no presente, a ascensão e a proeminência do indivíduo/ator social, aquele que não é mais apenas agente, pois sua ação se realiza em medidas diferentes (mas, se realiza) segundo intenções e cada vez pesa mais na dinâmica social. Para Jacques Lévy a história se move, a história anda e os séculos predecessores são plenos de transformação, logo há lugar para o futuro nesse movimento. Em 1999 ele publicou o *Le Tournant Géographique. Penser l'espace pour lire de monde*, onde observava as mudanças no plano epistemológico da geografia derivadas de mudanças substanciais na vida social do planeta. Em 2021 o livro aqui comentado se refere a *Le Tournant éthique de la Société-Monde*, no qual ele tematiza modificações na vida social que considera substanciais, isso intermediado por uma outra publicação (coletiva no caso, mas tendo-o como mentor central) denominada *L'invention du monde. Une géographie de la mondialisation* (2008). É natural para quem enxerga tanta movimentação que uma verdadeira dinâmica social, com forte presença de ações de atores coletivos e individuais, faça tanto sentido um debate problematizado sobre o futuro.

É espantoso como tudo isso contrasta com parte significativa da cena intelectual e política brasileira, para a qual a história está bloqueada pelas estruturas do “modo de produção capitalista” e que não percebe transformações nessa realidade, a não ser uma visão burocrática de sucessão de fases com alguns interregnos de crise, que não alteram a substância desse encadeamento de estruturas intangíveis para os cidadãos comuns das sociedades contemporâneas. Ora, enclausurado nessa “prisão estrutural” só se pode projetar um futuro em desconexão radical com esse presente (algo que aparece bem destacado no Quadro 1, *O futuro como ponto cego* [Lévy, 2022:195]). Jacques Lévy tem insistido (e o faz nesse texto também) em designar esse tipo de apreensão da realidade de inspiração marxista de estruturalismo. Aliás, ele enxerga outros estruturalismos que também imobilizam a história, para a total estranheza de muitos leitores, pois ainda predomina nessa cena cultural mencionada a visão nominalista das correntes de pensamento e não uma visão de fundo do que representam essas escolas. Sendo assim, estruturalismo de verdade só aquele que assim ficou conhecido, o estruturalismo da antropologia de Lévi-Strauss. A reação daqueles que aderem às teorias sociais centradas na “lógica cega” do sistema capitalista é de negação quanto ao seu presumido estruturalismo, pois a referência à história e sua transformação é constante. Inegavelmente há referências ao futuro, entretanto um futuro escatológico, que de certo modo põe um fim na história. Um futuro único já inscrito numa lógica etapista da história. Esse futuro não é automático, pois cabe à ação política centrada nas classes sociais destravá-lo e fazer a “natureza” da história se realizar. Logo a ação política não cria, não inventa, não delibera; apenas abre caminho para uma transcendência milenarista.

Esse texto de Jacques Lévy tem, no mínimo, o mérito de liberar a discussão sobre o futuro. Mesmo que não concordemos com os seus termos e com o que ele tematiza, é inegável que nos inclui numa discussão que não existia de fato. Seu empenho em que discutamos o futuro em outros termos e aspectos nos parece convincente. O que ele

O futuro como recurso, mas aberto à...
FERNANDA PADOVESI FONSECA, JAIME OLIVA

argumenta é que a ideia de futuro está (conforme as representações das escolas de pensamento e na cultura em geral) naturalizada como fruto de avanços incontrolláveis do meio científico/tecnológico, ou em desconexão com o presente, ou tratado com uma impertinência teórica. Pior ainda, segundo a postura teórica que Lévy denomina como *neonaturalismo* que interdita, proíbe o futuro, pois o que se apresenta nessa visão catastrofista é exatamente a antítese do que podia imaginar como futuro: distopias de terra arrasada. Em todos os casos aqui citados predomina uma descrença, uma indiferença com a historicidade humana. O que resulta em certos simplismos que coincidem com a visão escatológica, como já notamos, de que futuro só existirá quando essa história e os mundos sociais que vivemos e produzimos forem abolidas, forem deixadas sem complexidade: quando não houver mais pluralidade, interesses divergentes, quando houver visões morais dominantes. Quando for pacificada e neutralizada a própria historicidade humana. A dissidência não pode estar no futuro, ela é o presente, que precisa, em alguma medida, ser negado. Nesses termos, a discussão sobre o futuro está interdita, e deixa de ser um recurso para a reflexão do presente e da ação que busca qualquer coisa de melhor.

Uma chave nessa tensão interdição/abertura do futuro que não poderia faltar na argumentação de Lévy é o tema do progresso. Aliás, esse é um aspecto que nos parece elucidador sobre esse “ponto cego” que é o futuro. Na cena intelectual brasileira o tema do progresso é terreno minado, pois o termo expressaria o avanço (nefasto) do capitalismo, a degradação sem limites do meio natural e, também em termos ideológicos, ele representaria a crença na historicidade humana, a crença num futuro melhor, o que costuma ser abjurado como uma suprema ingenuidade. Assim é que os chamados progressistas (o campo progressista, por extensão) são vistos, por vezes, como adversários da esquerda, da “verdadeira esquerda”, aquela que é revolucionária e que está encarregada de destravar a história. Não é o caso de negar as críticas pertinentes relativas à instrumentalização da ideia de progresso, mas também não é o caso de passar ao largo de certas transformações históricas recentes que dificilmente não poderíamos designar como avanço, ou como qualquer coisa de melhor. E mais, seria um erro grosseiro negar a nova dinâmica social que está por trás dessas transformações. Esse é o caso da emancipação feminina e de outros segmentos de gênero oprimidos, também é o caso das lutas antirracistas e suas conquistas, como igualmente o caso das lutas contra a degradação ambiental, seja na chave da sustentabilidade ou da conservação mais estrita. Evidentemente, nos exemplos citados os avanços ainda são insuficientes, mas dizer que não se saiu do ponto zero é zombar da realidade.

E quem são os protagonistas dessas transformações? Fundamentalmente atores sociais (individuais e coletivos) que como Lévy insiste são capazes de promover mudanças contra as estruturas que costumam ser apresentadas como inexpugnáveis.⁴ Mas, não apenas nessas questões citadas, tratadas como novos temas, já que parecem divergir das clássicas lutas de classe, podemos identificar “progresso”. Um exemplo brasileiro totalmente contemporâneo é esclarecedor: a onda política de extrema direita, de tipo libertarianista,⁵ que se instalou no país rapidamente, desmontou a legislação que pro-

4 Não é incomum na paisagem intelectual brasileira a identificação da ascensão do indivíduo como ator social ao “individualismo” que atomizaria a sociedade, a própria vida social. Essa identificação ingênua ajuda a não perceber a força da ação do ator social no todo social.

5 Um neoliberalismo ideologizado e para além da esfera econômica.

O futuro como recurso, mas aberto à...
FERNANDA PADOVESI FONSECA, JAIME OLIVA

tegia direitos no mundo do trabalho. Não é uma revisão, uma atualização, e sim um desmonte. Para as agremiações políticas e sindicais vinculadas ao mundo do trabalho, e para os meios intelectuais também, tratou-se de uma derrota. Derrota por quê? Retirou-se direitos naturais, que sempre estiveram nesse mundo ou atacou-se direitos que haviam sido conquistados, portanto, vitoriosos em outro momento. Se essas conquistas anteriores não eram um “progresso”, por que lamentar-se agora? Novos atores sociais de peso, que definem seus interesses em meio à complexidade social (e não apenas no choque convencional de classes) e que fortalecem e efetivam sua ação, estão produzindo e impulsionando transformações sociais, o que, nos parece, legítima e dá pertinência teórica para a discussão do futuro.

Por fim, vale assinalar que a discussão sobre o futuro, desbloqueada pelos imaginários que afastaram do presente a questão do futuro, se inscreve, segundo Jacques Lévy, na virada ética que ele tematiza ao longo do seu livro. Ele diz que não há justiça sem futuro, mas esse futuro não deve ser concebido em desconexão com a complexidade social. Como pensar um futuro que projeta a complexidade social, a historicidade aberta para o futuro, o que convenhamos é mais árduo em termos teóricos do que as utopias que exigiam a simplificação social para a construção de um futuro perfeito. A virada ética notada vem consolidando que a instalação de valores morais dominantes não dará lugar no futuro para organizações sociais democráticas e plurais. Os alicerces éticos do futuro pertencem e devem ser construídos no presente, e eles se encontram muito mais nos procedimentos democráticos que permitem que se delibere sobre o futuro, deliberação constante que deve frequentar nosso cotidiano.

Fernanda Padovesi Fonseca / ferpado@usp.br

Geógrafa e professora de Cartografia do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, onde fez doutorado com a tese *A Inflexibilidade do Espaço Cartográfico*, uma questão para a Geografia. É coautora com Jaime Oliva do livro *Cartografia pela Coleção Como Eu Ensino da Editora Melhoramentos* (2013). Desde 1997 atua no ensino superior e publicou livros didáticos para o ensino fundamental, assim como vários artigos que tratam da representação cartográfica do espaço geográfico, tanto na pesquisa científica como no ensino.

Jaime Oliva / jtoliva@usp.br

Geógrafo, professor e pesquisador do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. É autor dos livros *Cartografia* em colaboração com Fernanda Padovesi Fonseca, Editora Melhoramentos e *Espaço e Comunicativo e Fratura Social* em colaboração com Luciana Salazar Salgado, Editora Fino Traço. É atualmente vice-presidente da Comissão de Pós-graduação do IEB-USP e responsável pelo projeto coletivo *Como Pensar o Brasil Hoje?* e curador do fundo pessoal do geógrafo Milton Santos que está sob a guarda do IEB-USP.